

EDUCAÇÃO CRISTÃ

PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E DA MORAL

Jéferson Polidoro Ruaro Pimentel*

RESUMO

O presente artigo objetiva mostrar alguns pontos dentro da educação cristã que podem ser utilizados com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da ética e da moral na vida dos indivíduos que estão abertos a receber esses ensinamentos e colocá-los em prática em suas vidas, transformando-os em hábitos diários e gerando assim, ações que os ajudem a ter um bom convívio social dentro do grupo ao qual pertencem, visando uma sociedade harmônica e pacífica para si e seus próximos. Para tanto, será utilizada a pesquisa bibliográfica para o levantamento das informações expostas, e o marco teórico será dado principalmente através dos estudos do educador Danilo Streck, do filósofo Immanuel Kant e do teólogo Leonardo Boff. Os resultados expostos neste artigo serão utilizados para a dissertação da pesquisa de Mestrado Acadêmico em Teologia de Jéferson Polidoro Ruaro Pimentel, uma vez que está em fase de desenvolvimento junto ao orientador, Dr. Roberto Ervino Zwetsch.

Palavras-chave: educação cristã; ética; moral; convívio social.

ABSTRACT

This article aims to show some points within the Christian education that can be used in order to contribute to the development of ethics and morality in the lives of individuals who are open to receive these teachings and put them into practice in their lives, transforming them in daily habits and thereby generating activities that help them have a good social life within the group they belong to, in order to have an harmonious and peaceful society for themselves and for the people around them. Thus, the bibliographical research will be used to gather the information exposed, and the theoretical framework will be given through studies from the educator Danilo Streck, the philosopher Immanuel Kant and theologian Leonardo Boff. The results presented in this article will be used for dissertation of the research for the Academic Masters in Theology of Jeferson Polidoro Ruaro Pimentel, since it is being developed with the mentor Dr. Roberto Ervino Zwetsch.

Keywords: Christian education, ethics, moral, social life.

Introdução

O artigo em questão tem o intuito de apresentar conceitos e descrições de educação cristã, ética e moral, a fim de interligá-los e expor alguns pontos dentro da

* Jéferson Polidoro Ruaro Pimentel. Bacharel em Ciências Sociais e Mestrando Acadêmico em Teologia. ruaropimentel@ibest.com.br. Este texto é parte de uma monografia apresentada na disciplina "Panorama da Teologia na América Latina" (Prof. Dr. Rudolf von Sinner), sob o título de "Educação cristã para o desenvolvimento da ética e da moral".

educação cristã que podem ser utilizados com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento da ética e da moral na vida dos indivíduos que estão abertos a receber esses ensinamentos e colocá-los em prática em suas vidas e transformando-os em hábitos diários, gerando assim, ações que os ajudem a ter um bom convívio social dentro do grupo ao qual pertencem.

Com a forte influência do momento individualista e de baixos valores éticos e morais em que se encontra a humanidade, muitos indivíduos têm sido educados com princípios distorcidos em relação ao bom convívio social, pensando primeiramente no individual e deixando o coletivo em segundo plano, e isso vem possibilitando a tendência de no futuro as pessoas se tornarem intolerantes e sem responsabilidade com questões éticas sociais.

Para a fundamentação deste artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, e o marco teórico foi desenvolvido através dos estudos do educador Danilo Streck, do filósofo Immanuel Kant e do teólogo Leonardo Boff.

Educação Cristã

A espécie humana é a única com inteligência e consciência suficiente que permite a capacidade de planejar, executar e acompanhar todas as situações de sua vida. A partir desta capacidade, surgem os erros e os acertos que geram as grandes transformações do mundo. Ainda que muitos homens considerarem-se auto-suficientes, são a única criatura que necessita receber educação, ser ensinado, orientado e participar do conhecimento e experiências de outros para garantir a sobrevivência física, espiritual e social. Assim, conforme o tempo passa cronologicamente, e ele, como indivíduo, cresce e desenvolve sua autonomia e identidade, principalmente através da educação recebida, necessita adquirir discernimento para tomar suas decisões¹. Com isso, a evolução da espécie humana e o desenvolvimento de cada povo, torna-se possível através da educação recebida por cada membro dele, pois a educação contribui para a evolução do indivíduo, que, por consequência, produz a evolução do coletivo. Conforme Danilo Streck:

¹ DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 2000.

Há consenso de que o ensino é um instrumento para a dinamização e edificação de comunidade. O ensino faz parte da própria dinâmica da comunidade, e a chave para se ter uma comunidade dinâmica consiste em aproveitar os dons dos seus membros e em cuidar do seu aperfeiçoamento².

A palavra “educação” vem do latim (do verbo ducere unido ao prefixo ex, tendo a acepção de “guiar” ou “conduzir para fora”), podendo significar todas as influências do meio social, resultados de ações pedagógicas ou a própria educação de ética.

Baseado na ideia de que, educando um indivíduo é possível proporcionar a ele, além de conhecimento, bases sólidas dentro da ética e da moral para que adquira discernimento necessário e atue como cidadão na sociedade em que está inserido, diversos povos investem na educação buscando a prosperidade e desenvolvimento de seus participantes. Nesta ótica, povos cristãos acreditam que a bíblia possui todas as informações necessárias para a formação do indivíduo como cidadão e que tais informações, disseminadas e absorvidas, são capazes de criar uma sociedade justa, pois a bíblia não trata apenas de ideologias de um grupo, mas da aproximação do indivíduo com Deus através da aceitação de seus mandamentos e a busca por uma vida plena³.

Daniel Schipani e Danilo Streck compreendem que a educação cristã, “na perspectiva do reino de Deus”, transcende o âmbito de uma comunidade eclesial. Ela não está limitada a uma ação educacional restrita a uma denominação e a uma comunidade religiosa, nem condicionada por uma visão eclesial de educação, nem por “modismo” teológico e pedagógico, tampouco por determinada análise conjuntural da realidade. A educação na perspectiva do reino de Deus, tendo o evangelho como sujeito e objeto, tem condições de mediar a análise crítica da reflexão e da prática educacional que transcende uma determinada igreja ou comunidade local⁴.

A educação cristã é um meio educativo que procura proporcionar ao indivíduo a transformação, a libertação e a capacitação dele e do meio no qual atua. Esta educação acontece junto à fé e se desenvolve com a aceitação da missão dada por Deus e revelada através de Jesus Cristo segundo as escrituras e na crença de

² STRECK, Danilo Romeo. *Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, IEPG, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 1995, p. 80.

³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos; VOLKMANN, Martin; KIRST, Nelson; ROSE, Michael; ZWETSCH, Roberto E.; WACHS, Manfredo. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 1998.

⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT; HOCH; VOLKMANN; KIRST; ROSE; ZWETSCH; WACHS, 1998. p. 215.

que “a pessoa, uma vez tendo uma experiência com Deus, deveria refletir no seu comportamento a visibilidade de uma fé que promove a qualidade de vida em nível social e pessoal”⁵.

O autor Danilo R. Streck aponta o reducionismo que pode existir em relação à educação cristã quanto ao ensino, alegando que, normalmente, ela faz referência a um programa formal de educação desenvolvido pelas igrejas e com isso, mesmo que apresentem em sua proposta de ensino uma linha tipicamente educativo, este reducionismo pode acabar levando as Igrejas a não desenvolverem um projeto global de educação para a sua formação, uma vez que a educação cristã não deve ser definida como modo de atrair ou manter o indivíduo para dentro de um determinado grupo religioso, e sim, direcionar para os princípios apresentados pelo evangelho como base na vida e convivência social⁶.

Ainda que através do artigo 33 da LDB⁷, tente-se instituir o ensino religioso nas escolas regulares com o intuito de contribuir para a construção da cidadania, mesmo que não com base no cristianismo e respeitando as diversas culturas religiosas, a educação com o evangelho como base deve ser considerada por sua contribuição dentro do campo ético, como exposto por Streck ao afirmar que “os valores cristãos têm credibilidade; o compromisso é mais profundo e consolidado, portanto fidedigno; a educação cristã tem mais capacidade mediadora, maior acompanhamento a grupos e maior inculturação”⁸. Assim, mesmo que direcionando os ensinamentos para certo grupo religioso, há de se considerar a contribuição prestada por igrejas que transmitem a educação cristã através de encontros realizados em suas sedes, como a Catequese, o Ensino Confirmatório e a Escola Bíblica Dominical, também chamada de Escola Dominical, que, segundo Streck, “é a atividade educativa mais marcante no programa de educação cristã das igrejas do protestantismo de missão”⁹. Não menos importante neste processo de educação cristã, aparecem as escolas confessionais, também conhecidas por escolas comunitárias, que além do ensino regular possuem ênfase missionária e introduzem

⁵ GARCIA, Renilda Martins; SUNG, Jung Mo. *Educação Cristã, Escola Dominical e Revista Cruz de Malta: um tríptico desafio à fé integral*. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2005. p. 18

⁶ STRECK, 1995, p. 82.

⁷ BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases para Educação Nacional.

⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT; HOCH; VOLKMANN; KIRST; ROSE; ZWETSCH; WACHS, 1998. p. 222.

⁹ STRECK, 1995, p. 79.

a igreja dentro da sociedade com o intuito de contribuir para a formação integral do ser humano, preocupando-se essencialmente com o ensino dos princípios éticos cristãos.

Escola Dominical

A Escola Dominical teve o seu início efetivo através do jornalista Roberto Raikes, em 1780, na cidade de Gloucester, sul da Inglaterra. Hoje, apoiada por igrejas de tradição cristã, como a Batista, que se mantém com princípios cristãos conservadores quanto à palavra, e a Metodista, que foi uma das primeiras igrejas a trabalhar disseminando ensino e a palavra também aos domingos, adquiriu força e se tornou a escola de educação religiosa das igrejas evangélicas, que a utilizam como ferramenta a fim de cooperar com os lares e famílias na edificação moral e espiritual, principalmente das crianças e adolescentes de ambos os sexos, atendendo a finalidade da educação religiosa no sentido cristão, direcionando os seus participantes à possibilidade de passarem por uma experiência considerada vital e salvadora de Deus.

Com as transformações sofridas pela sociedade ao longo dos tempos, a Escola Dominical deixou de atuar em áreas do conhecimento que foram absorvidas por escolas regulares e direcionou o foco de seu ensino para os ensinamentos bíblicos, mantendo o seu olhar principal na moral, cidadania e ética cristã, uma vez que se entende que este pode ser o caminho para a convivência pacífica em sociedade entre os homens.

Conhecendo a importância da educação em todas as fases da vida do indivíduo, o autor Rodolfo Anders destaca a importância da educação cristã na infância e na adolescência, expondo que o seu sentido é aproximá-los de Deus e despertar neles os sentimentos mais nobres da alma, e assim, sublimar tendências menos louváveis, proporcionando a estas crianças e adolescentes uma vida plena e consciente, não apenas como cristãos, mas também como cidadãos, uma vez que terão condições de atuar em sua comunidade de forma ética e moral, pois terão o

discernimento necessário para fazer suas escolhas e assumir a responsabilidade pelas suas consequências¹⁰.

A autora Renilda Martins Garcia, que direcionou seus estudos teológicos para a Escola Dominical da Igreja Metodista, destaca que ela “prioriza a Escola Dominical como o principal espaço de educação cristã com vistas à transformação da pessoa e da sociedade”¹¹. Para Streck, um ponto que chama a atenção na Escola Dominical é a influência do professor, podendo ser, tão ou ainda mais marcante que o conteúdo ministrado durante os encontros. Para o autor, a bíblia não é apenas um livro com normas e orientações transmitidas por um homem, e sim um documento que traz a fórmula para que todas as graças sejam alcançadas, e o indivíduo consiga ter uma vida próspera com o simples propósito de reconhecer em Deus o caminho para isto.

Utilizando a bíblia como referência, é possível destacar os dez mandamentos explícitos em Êxodo 20:1-17, que são as normas expostas por Deus para a conduta do homem e que visam orientá-lo em seu comportamento e convívio social na busca por uma sociedade mais pacífica entre seus membros.

Ao trabalhar os dez mandamentos como base, nota-se que os três primeiros: “amar a Deus sobre todas as coisas”, “não tomar seu santo nome em vão” e “guardar domingos e festas de guarda”, procuram direcionar o indivíduo para o cumprimento de suas obrigações com Deus e ao respeito que deve haver para com Ele. Estes mandamentos podem ser compreendidos por Marcos 12:30 “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças”. Deste modo, o indivíduo que aceitar seguir estes princípios como orientação de vida não precisa ter temor às leis do homem por entender que o único temor deve ser em relação às leis divinas daquele que o julgará e definirá o destino de sua alma no juízo final.

Os demais mandamentos: “honrar pai e mãe”, “não matar”, “não pecar contra a castidade”, “não roubar”, “não levantar falso testemunho”, “não desejar a mulher do próximo” e “não cobiçar as coisas alheias”, referem-se a princípios que

¹⁰ ANDERS, Rodolfo. *A escola dominical: organização e administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1949.

¹¹ GARCIA, 2005, p. 13.

direcionam o indivíduo para o bom convívio social, respeitando ao seu próximo e tendo uma orientação a seguir que o ajude a evitar erros e que o leve para longe da discórdia e perturbação dentro do grupo ao qual pertence, proporcionando que o seu comportamento ético lhe conceda a moral necessária para que receba o respeito do outro em retribuição ao seu, e assim, possam viver em harmonia. Estes mandamentos podem ser resumidos e compreendidos por Marcos 12:31 “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Ética

A palavra ética é derivada do grego *ethos*, que indica um “conjunto ordenado dos princípios, valores e das motivações últimas das práticas humanas, pessoais e sociais”¹². Faz também, um indicativo ao caráter e ao modo de ser de uma pessoa ou uma sociedade, definindo assim, o perfil delas. Conforme o escritor Leonardo Boff, pode-se fazer a seguinte definição:

A ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo a cerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. Uma pessoa é ética quando se orienta por princípios e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole.¹³

Analisando a citação anterior, a palavra ética pode ser definida como o julgamento entre fazer o certo ou o errado, conforme as convicções e princípios internos do indivíduo, ou seja, de acordo com a sua crença e não pelas convenções sociais estabelecidas. Porém, o “correto” pode ter vários pontos de vista, como o que seria o correto para a legislação, o que seria o correto para a sociedade em que se vive e o que seria o correto para o indivíduo como pessoa. O filósofo alemão Emanuel Kant apresenta em suas teorias a ideia de que a ética não deve seguir um ponto fixo, como por exemplo, a legislação, mas que ela exige discernimento na tomada da decisão.

Kant faz referência também a uma comunidade ética em que o indivíduo procure tomar suas decisões visando o bem comum do grupo e com um dever de índole particular, embora cada um mantenha o seu dever privado, existe uma

¹² BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 39.

¹³ BOFF, 2003, p. 37.

concordância entre todos, visando a ordem e o bem comunitário¹⁴. O legislador desta comunidade deve ser alguém que entenda os seus deveres e o que se passa com os demais integrantes, proporcionando a cada um deles um líder com o espírito ético. Este seria o conceito de Deus como soberano moral do mundo. Por isso, a comunidade ética pode ser vista como uma comunidade sob mandamentos divinos, como um povo de Deus que está de acordo com leis de virtude. Assim, uma lei formulada por um líder humano, se atender aos desejos e objetivos divinos, poderá ser aplicada como algo correto por ter fim social.

Ética Cristã

Na ética cristã, os princípios e valores do indivíduo são norteados pelo cristianismo, tendo a fé e a aceitação da palavra de Deus através do Cristo como princípio para que o cidadão tome suas decisões de forma ética dentro da comunidade, simplesmente pela consciência de que graça e ação estão associadas uma a outra, entendendo que não existe fé sem boas obras, assim como não existem boas obras sem fé.

“Somente quem crê obedece”: a fé exige como consequência a obediência (à palavra de Deus). Mas, ao mesmo tempo e dialeticamente, “só quem obedece crê”: a fé só existe na obediência e nutre-se da obediência à palavra de Deus. Jesus chama ao segmento, e o segmento não é somente fé, mas fé e obediência, obediência e fé.¹⁵

O teólogo polonês Dietrich Bonhoeffer, que desenvolveu uma teologia mais ética do que dogmática, trabalhou na redação de uma obra sistemática publicada postumamente por Eberhard Bethge¹⁶ em 1949, intitulada como *Ética*, faz a seguinte colocação sobre a ética¹⁷:

A ética não pode ser uma ética dos princípios ou das normas, que é preciso primeiro formular e fixar para depois aplicar e estender à realidade. O objetivo da ética não é o conhecimento do bem e do mal, baseado em princípios e normas [...] e sim o discernimento da vontade de Deus em vista da ação concreta.¹⁸

Complementa ainda:

¹⁴ KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992. p. 111.

¹⁵ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 110.

¹⁶ Teólogo alemão nascido em 28 de agosto de 1909 e falecido em 18 de março de 2000.

¹⁷ GIBELLINI, 2002.

¹⁸ GIBELLINI, 2002, p. 111

A ética dos princípios é abstrata e desvinculada da realidade: ela fixa uma vez por todas o que é bem e o que é mal; a ética que guia os cristãos é concreta e interroga-se sobre o mandamento concreto de Deus “hoje”, “aqui”, “entre nós”, “para nós”.¹⁹

Desta forma, não existem meios termos ou uma obrigação ditadora em relação a ética cristã, pois os mandamentos divinos são claros e serão atendidos de forma plena apenas se o indivíduo tiver consciência que deve aplicá-lo por convicção, por amor e respeito a Deus, tendo a palavra como valor em sua vida e não porque alguém ou algum grupo está lhe dizendo que deve ser assim. Desse modo, “o ponto de partida da ética cristã, não é um princípio ou uma norma, mas o fato da reconciliação do mundo com Deus realizada em Cristo”²⁰, já que Cristo não veio ao mundo simplesmente para entregar aos homens programas éticos ou religiosos com a finalidade de que o mundo seja configurado nessas bases, “mas con-figura a si e a Igreja, e na Igreja os cristãos, como uma nova humanidade, a fim de que por meio deles aconteça a con-figuração do mundo a Cristo”²¹.

A vida na ética deve ser vivida dentro da responsabilidade por seus atos e escolhas, tendo a percepção de que cada “sim” e cada “não” que o indivíduo profira sempre terá um efeito no mundo e para que a consequência dele não vire algo negativo, a escolha por este “sim” ou por este “não” deve ser consciente ao ponto de honrar a vida proposta por Cristo e a solidariedade com o próximo, lembrando que a liberdade concedida para as escolhas traz riscos na tomada da decisão.

A ética cristã não é nem uma ética vitalista, que vive só o “sim” ao mundo; nem uma ética da renúncia, que vive somente o “não”, e sim uma ética da responsabilidade, que vive a tensão, a unidade polêmica entre o sim e o não: “A vida que encontramos em Jesus Cristo sob forma do ‘sim’ e do ‘não’ pronunciado para a nossa existência exige como resposta uma vida que acolha e unifique aquele ‘sim’ e aquele ‘não’”.²²

Então, mesmo que amparados pelo livre arbítrio concedido por Deus aos homens, não significa que eles têm direito ao “sim” absoluto que atenderá a todas as suas vontades como se isso tivesse influência apenas nas suas vidas, ignorando o fato de que cada “sim” deve ser consciente e amparado nos propósitos designados por Deus, pois o “sim” deve trazer em sua base o desejo divino e não o desejo do homem puramente para satisfazer ao seu ego e vontades. Do mesmo modo, deve

¹⁹ GIBELLINI, 2002, p. 111

²⁰ GIBELLINI, 2002, p. 111

²¹ GIBELLINI, 2002, p. 112

²² GIBELLINI, 2002, p. 114

vir a consciência para a escolha pelo “não”, amparada pelo discernimento entre o que é bom para Deus ou não, e não para o acomodo e omissão do homem.

A ética cristã tende a enraizar-se dentro do íntimo do indivíduo se tornando uma lei própria que irá guiar as suas escolhas e direcionar a sua vida. Portanto, como uma das orientações do cristianismo é amar ao próximo da mesma forma e com a mesma intensidade que ama a si mesmo, seguindo esta idéia, é possível deixar todos os homens em posição de igualdade e colocar de lado a obsessão desenfreada pelo poder e superioridade sobre o outro, que tanto corrompe e faz mal ao homem e à sociedade, dividindo-os em grupos e até mesmo individualizando-os, impossibilitando assim, a convivência entre eles como irmãos.

Moral

A palavra moral, assim como a ética, também é derivada do grego *ethos*, indicando “os costumes, os hábitos e os comportamentos concretos das pessoas”, que posteriormente os latinos passaram a chamar de *mores*, donde se deriva moral. Conforme o escritor Leonardo Boff, pode-se fazer a seguinte definição:

A moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem, eventualmente, ser questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência) mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios)²³.

A moral faz parte da filosofia e encontra-se dentro da ética, mas não está ligada diretamente aos valores do indivíduo – como a ética – e sim, dos atos humanos, dos bons costumes e dos deveres do homem dentro da sociedade a qual ele pertence.

Seguindo esta linha de pensamento, um indivíduo moral deve, em geral, seguir as regras de conduta impostas pelo meio em que vive, para que assim mantenha uma sintonia com os que o rodeiam, procedendo sempre conforme a honestidade e a justiça estabelecida pelo meio, mesmo que esta conduta não

²³ BOFF, 2003, p. 37

represente exatamente os seus ideais, mas que seja o ideal para o meio que o cerca.

De acordo com alguns autores clássicos que desenvolveram estudos sobre a moral, ela é definida “como a relação essencial com a norma ou lei”²⁴, porém, “Kant exigia amar a lei”²⁵. Para Kant, a moral não é algo tão simples ao ponto de dizer que basta agir de acordo com as regras sociais ou leis que nos cercam, pois não está ligada aos bons costumes de cada povo, e sim, a moral deve seguir um princípio universal, incondicional, válida por si mesma como uma máxima que pudesse fazê-la desejar tornar-se uma lei universal²⁶:

A moral tem que indicar como “bom” ou como “certo” algo que possa aparecer assim (bom, certo) para o maior número de pessoas possível, ou seja, para toda e qualquer pessoa desse mundo, em qualquer lugar. A moral indicaria, como princípio, um dever necessário a todos, assim, universal!²⁷

Com isso, o que é considerado bom para o indivíduo deve ser bom para o seu próximo, o que é aplicado como punição para o próximo também deve ser aplicado para o indivíduo, indiferente de ser conveniente ou não, deve seguir a base de que tudo o que é válido para si, deve valer para o outro também, e vice-versa.

Ainda, segundo Kant, para ser moralmente correto, não basta que o indivíduo siga uma lei imposta por terceiros como se ela fosse o indicador da ordem, mesmo que isso lhe traga alguma conveniência. É preciso que o indivíduo tenha o discernimento necessário para tomar decisões e ter atitudes que o levem a um bem comum. Assim, a “corretude” ou “bondade” de um ato não deve estar ligada a uma lei, regra ou norma a ser obedecida, mas deve ser levado em conta o porquê de obedecê-la, dando ênfase ao princípio da obediência e não ao ato dela.

Se deixarmos de agredir alguém (ou de roubar, mentir, atraiçoar etc...) por conformidade a uma lei, pois de outra forma seríamos presos, por prudência para não sermos punidos, por inclinação porque gostamos dessa pessoa, não há aí, nenhum valor moral no que fazemos, embora possa haver adequação social [...] Haverá valor moral se optarmos por não agredir entendendo que a agressão não pode ser uma “lei universal” do tipo: “Todos

²⁴ DUSSEL, Enrique D. *Ética comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 44.

²⁵ DUSSEL, 1986, p. 44.

²⁶ PIAGET, Jean; MACEDO, Lino de. *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

²⁷ PIAGET; MACEDO, 1996, p. 38.

poderemos sair batendo por aí sempre que qualquer um de nós se sentir lesado²⁸!

Kant entende também que a moral conduz inevitavelmente à religião, tendo Deus como um legislador moral poderoso, que impõem suas leis, deixando-as claras, inclusive com suas recompensas e punições, e que ao mesmo tempo dá aos homens a oportunidade de tomarem suas próprias decisões, que por sua vez, podem ser moral ou não. Kant afirma:

A religião não se distingue em ponto algum da moral quanto à matéria, quanto ao objecto, pois tem em geral a ver com deveres, mas distingui-se dela só formalmente, ou seja, é uma legislação da razão para proporcionar à moral, graças a idéia de Deus engendrada a partir desta, uma influência sobre a vontade humana para o cumprimento de todos os seus deveres²⁹.

Ainda que exista algum questionamento sobre se é moral ou não atender o desejo de um único legislador, neste caso Deus, avalia-se também o fim último levando-se em conta que Deus não institui leis para que Ele mesmo seja beneficiado com elas, mas que existe um bem universal a partir delas e a Sua vontade visa que a própria humanidade seja beneficiada.

Seguindo um pensamento distinto do de Kant, o autor Enrique D. Dussel fala sobre um sistema moral vigente que indica que, para o bom convívio dentro do meio social, o indivíduo deve se dispor a cumprir as normas impostas para que todos andem em uma mesma direção, tenham as mesmas obrigações e sejam julgados da mesma forma, e deste modo tenha-se um parâmetro para identificar os que estão certos e os que estão errados. Destaca:

Assim aparece um sistema moral “vigente” (não importa que na sua origem, e para a sua subsistência, haja um pecado original e institucional de dominação em todos os níveis). Quem cumprir este sistema em suas práticas, suas normas, seus valores, suas virtudes, suas leis, é um homem bom, justo, benemerente, louvado pelos semelhantes.³⁰

Desta forma, mesmo que a lei tenha seu princípio em algo considerado como não ideal, se ela atingir um objetivo comum quem cumpri-la passa a ser moral. É como afirmar que o fim justifica o meio. Dussel também faz referência quanto aos casos em que as leis acabam sendo voláteis e que não são elas quem determinam como deve ser o meio, mas o meio acaba determinado como devem ser as leis. Com isso, o certo hoje pode ser considerado errado amanhã e vice-versa, fazendo

²⁸ PIAGET; MACEDO, 1996, p. 39.

²⁹ KANT, Immanuel. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, 1993. p. 43-44.

³⁰ DUSSEL, 1986, p. 44.

com que o indivíduo que segue as leis de hoje, amanhã tenha que decidir se permanecerá seguindo o que acreditava ser correto ou se redefinirá seus conceitos para se manter dentro dos padrões sociais e ser considerado moral mantendo a sua consciência tranquila, pois mesmo a lei sendo perversa, é aprovada pelo sistema.

A prática de inversão dos atos morais ocorre por influência do legislador humano com a justificativa de readequação da sociedade e é realizada pela igreja para que ela também tenha uma readequação social. Em relação às igrejas que seguem o evangelho como base, Dussel destaca que deve ser observado que ele “não pode evoluir”³¹, já que as exigências dele devem ser válidas e seguidas em qualquer época ou situação, pois representam princípios absolutos, indiferente da fase em que se encontra a humanidade ou dos conceitos impostos pelo homem.

Ética e Moral

As palavras, ética e moral, comumente são confundidas como se tivessem o mesmo sentido. Apesar de ambas derivarem de *ethos* e a filosofia indicar que a moral está dentro da ética, as duas são distintas e cada qual possui sua importância.

Explicando cada uma das palavras, Boff apresenta a ideia de que a ética está ligada ao caráter, princípios e valores próprios do indivíduo, enquanto a moral é a realização dos atos do indivíduo dentro dos costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos dentro da sociedade. Neste sentido, o indivíduo pode tomar decisões com seu ponto de vista ético ainda que, nesta decisão, não haja moral e vice-versa.

Para a filosofia, a moral vem de dentro da ética, porém, a própria ética questiona a moral no que tange agir contra os seus princípios para atender algo estabelecido, pois isso não seria uma vontade genuína do indivíduo e, portanto, perderia o valor, uma vez que, seria necessário agir com ética – com consciência e aceitação – para que este ato se tornasse moral – sincero, não demagógico.

³¹ DUSSEL, 1986, p. 236.

Para Dussel, “Jesus, de fato, se opõe a toda ‘moral’ de dominação. Opõe-se ao vigente ‘moral’ em nome do absoluto transcendental e horizonte crítico de toda ‘moral’: o ‘ético’”³². O autor faz uma breve relação entre a ética e a moral, apontando em que consiste a ética:

É a práxis – como ação e relação – para o outro como outro, como pessoa, como sagrado, absoluto. O *ético* não é regido pelas normas morais, pelo que o sistema indica como bom; rege-se pelo que o pobre reclama, pelas necessidades do oprimido, pela luta contra a dominação, as estruturas, as relações estabelecidas pelo “Príncipe deste mundo”.³³

E complementa:

O ético é assim transcendental ao moral. As morais são relativas: há moralidade asteca, hispânica, capitalista. Cada uma justifica a práxis de dominação como boa. A ética é uma, é absoluta: vale para toda situação e para todas as épocas.³⁴

Com isso, sempre que a ordem moral deixa de atender ao bem comum para realizar práticas dominantes, deixa de ser ético porque não representa mais uma “ordem futura de libertação, as exigências de justiça com respeito ao pobre, ao oprimido, e seu projeto de salvação”³⁵, bem como sempre que um indivíduo ético deixa de seguir algo que pode ser bom para a moral, porque acredita que é ruim para a sua ética, ele passa a ser imoral para o meio em que vive.

Mesmo sendo diferentes em seu sentido final, tanto a ética quanto a moral devem estar presentes na vida do indivíduo para que ele tenha uma participação satisfatória e ativa no meio ao qual pertence e no relacionamento com seu próximo, pois ainda que cada indivíduo tenha suas próprias convicções, jamais conseguirá viver sozinho ignorando o fato de que precisará interagir com outros, tendo assim, que respeitar as convicções alheias, pois faz parte de um sistema que é alimentado por suas escolhas, sendo elas éticas ou não, morais ou não, mas sempre determinantes para o desenvolvimento do mundo e para a continuidade da espécie humana.

³² DUSSEL, 1986, p. 63.

³³ DUSSEL, 1986, p. 63-64.

³⁴ DUSSEL, 1986, p. 64.

³⁵ DUSSEL, 1986, p. 40.

Conclusão

Analisando o fato de que existem diversas leis espalhadas pelo mundo com o intuito de manter a ordem social, e que mesmo assim, as brechas deixadas por elas confundem o indivíduo quanto ao que pode ou não ser feito, o que é certo ou errado, ético ou antiético, moral ou imoral, elas passam a ser ineficazes em seu foco principal.

Em comparação a este fato, e entendendo que as leis dos homens não são verdades absolutas, pode-se fazer um comparativo entre estas tantas leis e aquelas que Deus deixou para os homens em forma de mandamentos, que são apenas dez e que levam ao entendimento de que, se seguidos, podem conduzir aos mesmos resultados esperados com todas as outras leis criadas pelos homens.

Assim, a educação cristã passa a ter um papel além do religioso, sendo também de controle e de responsabilidade social, pois uma vez tendo exposto as ordens, as promessas e os desejos de Deus, assume para si a salvação ou a perdição da alma de cada indivíduo, e mais do que isso, a salvação de toda a humanidade através da fé.

Contudo, é possível perceber que o desenvolvimento ético e moral tem ligação com a enculturação do indivíduo. Portanto, se a educação cristã for assumida como base para esta enculturação, pode-se apostar nos diversos benefícios que ela tende a trazer para a formação dele como cidadão de bem, ativo e consciente, deixando um legado de paz e prosperidade a seus próximos.

Referências

ANDERS, Rodolfo. *A escola dominical: organização e administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1949. 254 p.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. 125 p.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases para Educação Nacional*.

DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 2000. 303 p.

DUSSEL, Enrique D. *Ética comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1986. 255 p.

GARCIA, Renilda Martins; SUNG, Jung Mo. *Educação Cristã, Escola Dominical e Revista Cruz de Malta: um tríptico desafio à fé integral*. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 591 p.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992. 210 p.

_____. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, 1993. 137 p.

STRECK, Danilo Romeo. *Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: CELADEC, IEPG, São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 1995. 92 p.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; HOCH, Lothar Carlos; VOLKMANN, Martin; KIRST, Nelson; ROSE, Michael; ZWETSCH, Roberto E.; WACHS, Manfredo. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 1998. 344 p.

PIAGET, Jean; MACEDO, Lino de. *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. 209 p.